

**A LÍNGUA ESCRITA
COMO FONTE DE EVIDÊNCIAS LINGUÍSTICAS**

Eliane Nowinski da Rosa (UNISINOS)

elianedr19@gmail.com

RESUMO

Na atualidade, muitos estudos têm sido realizados com o objetivo de investigar processos de variação e mudança nas línguas por meio de amostras de língua falada. No entanto, especialistas em investigações linguísticas de cunho histórico (CARDEIRA, 2009; MARQUILHAS, 2003; CARVALHO, 2005; NARO, 1973; ROMAINE, 2009; LASS, 2000; MONTGOMERY, 2007; SCHNEIDER, 2002) comprovam que não é somente através de amostras de fala que é possível estudar processos de variação e mudança, mas também por meio de amostras de língua escrita. Para esses linguistas, os registros escritos, além de serem as testemunhas de primeira ordem de um passado linguístico mais distante, compõem-se de formas ortográficas, que podem estar sujeitas à interpretação linguística. Nesse sentido, o presente artigo visa a discutir e demonstrar a importância do registro escrito como fonte de evidências linguísticas, assim como descrever os procedimentos metodológicos adotados na investigação de fenômenos fonético-fonológicos em dados provenientes de amostras de língua escrita antiga.

Palavras-chave:

Registro escrito. Fonética. Fonologia. Mudança. Registro escrito. Variação.

1. Introdução

Com o advento da linguística histórica em fins do século XVIII, os eruditos passaram a ter interesse em estudar a origem das línguas, ou melhor, em estabelecer o grau de parentesco entre as línguas. Para a execução de tais pesquisas, esses estudiosos tomavam o registro escrito, isto é, a língua escrita como fonte de evidências linguísticas a fim de investigar e descrever as mudanças que as línguas tinham sofrido ao longo dos séculos. Portanto, para estabelecer o grau de parentesco entre as línguas, o método adotado era o comparativo, considerado a base metodológica elementar dessa vertente da linguística. Segundo Carlos Alberto Faraco,

O pressuposto de base é que entre elementos de línguas aparentadas existem correspondências sistemáticas (e não apenas aleatórias ou casuais) em termos de estrutura gramatical, correspondências estas passíveis de serem estabelecidas por meio de uma cuidadosa comparação. Com isso, podemos não só explicitar o parentesco entre línguas (isto é, dizer se uma língua pertence ou não a uma determinada família), como também determinar, por inferência, características da língua ascendente comum de um certo conjunto de línguas.

Todavia, no começo do século XX, uma nova corrente teórica foi estabelecida porque alguns linguistas estavam descontentes com a falta de interesse, por parte dos comparativistas, em delimitar o objeto de estudo da linguística e por não estudar a língua com base em seu estado atual. Com isso, dava-se início à linguística moderna.

O estruturalismo surgiu com o objetivo de mudar o foco das investigações linguísticas, as quais passariam a ser de cunho sincrônico e não mais diacrônico conforme ocorria na linguística histórica. Isto significa que o eixo central deixou de ser o estudo da evolução das línguas ao longo do tempo em favor do estudo do estado atual das línguas. No entanto, cabe ressaltar que foi somente com a consolidação da sociolinguística, como teoria linguística, na década de 60, que a língua falada adquiriu o *status* de fonte de evidências linguísticas. Neste novo modelo teórico-metodológico, elaborado por William Labov, os dados coletados começaram a ser submetidos a um tratamento estatístico a fim de possibilitar a sistematização da variação existente na língua investigada. Visto que esse novo método de análise permitiu aos pesquisadores ver a regularidade e a sistematicidade do caos linguístico na língua falada, a sociolinguística acabou conquistando muitos adeptos. No que concerne à língua escrita, esta acabou relegada ao esquecimento até meados da década de 80, quando os estudos linguísticos de cunho histórico passaram a despertar o interesse dos linguistas novamente.

Ao investigar fenômenos linguísticos em textos antigos, a linguista Suzanne Romaine observou que os registros escritos apresentam indícios de processos de variação linguística da mesma forma que a língua falada. Em vista disso, a pesquisadora sugeriu a realização de estudos direcionados a investigar processos de variação e mudança linguística no passado por intermédio da aplicação de métodos de análise da sociolinguística variacionista. Mediante o sucesso de suas pesquisas a partir desse viés, Suzanne Romaine propôs a formação de uma nova vertente dentro do campo linguística, chamada de sociolinguística histórica. Com o advento desse novo modelo teórico-metodológico, a língua escrita voltou a ser considerada uma fonte de evidências linguísticas.

Nesse sentido, o presente artigo visa a discutir e demonstrar a importância do registro escrito como fonte de evidências linguísticas, principalmente, no que diz respeito ao estudo de fenômenos fonético-fonológicos; porque os processos de variação e mudança linguísticas podem ser estudados tanto em amostras de língua falada quanto de língua escrita.

2. *O registro escrito como fonte de evidência linguística*

Nas últimas décadas, muitos estudos têm sido realizados com o propósito de investigar processos de variação e mudança nas línguas através de amostras de língua falada. Todavia, cabe mencionar que diversos especialistas em investigações linguísticas de cunho histórico (CARDEIRA, 2009; MARQUILHAS, 2003; NARO, 1973; ROMAINE, 2009; LASS, 2000; MONTGOMERY, 2007; SCHNEIDER, 2002; CARVALHO, 2005) assumem que não é somente através de amostras de fala que é possível estudar processos de variação e mudança, mas também por meio de amostras de língua escrita. Além de ser considerado a testemunha de primeira ordem de um passado linguístico mais distante, o registro escrito pode compor-se de formas ortográficas, as quais podem ser submetidas à interpretação linguística.

Suzanne Romaine (2009) afirma que a língua escrita é uma fonte primária tão valiosa quanto à língua falada, visto que ambas são apenas formas diferentes de representar a mesma língua. Isso demonstra que a pesquisa de cunho sociolinguístico não deve estar restrita somente à descrição sincrônica, mas deve levar em conta as amostras de língua escrita em razão da variação também ocorrer na língua escrita. Conforme Suzanne Romaine (2009):

Anyone can observe that two samples of speech or writing are different. Sociolinguistic analysis can show us that these differences are objectively measurable, and that there are patterns in the choices which a speaker/writer does make, on the one hand, and can make, on the other. Since the choices are not entirely free, we need to observe the conditions or factors that may influence them [...]. (ROMAINE, 2009, p. 13)

Tendo em consideração o fato de que a tecnologia para a gravação da fala não estava disponível antes do século XX, o registro escrito precisa e deve ser tratado como uma importante fonte de evidência acerca da maneira com que os indivíduos pronunciavam os vocábulos em tempos mais remotos na história de uma língua. Em outras palavras, o registro escrito viabiliza verificar como o sistema fonético-fonológico de uma língua se estruturava e funcionava em uma determinada época. Durante alguns séculos, a língua escrita exerceu o papel de objeto de estudo para os estudiosos que buscavam descrever e explicar fenômenos linguísticos no passado e, principalmente, para obterem evidências acerca da fala de uma comunidade. É necessário destacar ainda que, no começo do século XIX, a língua escrita forneceu informações relevantes sobre os estágios

fonéticos das línguas, portanto, não há como negar a seu valor à linguística.

De acordo com Michael Montgomery (2007), os registros escritos são compostos por formas ortográficas, as quais podem servir como instrumento para a interpretação linguística. Embora o texto escrito não se comporte como o reflexo simples e direto da fala, a escrita pode permitir a observação de traços gramaticais e de pronúncia se se considerar sua regularidade e aproximação com evidências oriundas de outras fontes, como: os comentários linguísticos contemporâneos e os registros de períodos anteriores ou posteriores. Segundo Michael Montgomery:

The conformity of many misspellings to known pronunciation and the systematic patterning of grammatical features argue that the language of such documents is far from random and haphazard and can fill the gaps in the history of the language. While misspellings do indicate a struggling writer, normally his/her speech is brought constantly to bear in this process, producing "systematic attempts by writers to utilise what orthographic knowledge they possess in a rule governed way to express their phonological and phonetic intuitions. (JONES, 1991, p. 83, apud MONTGOMERY, 2007, p. 116)

No que tange ao *corpus* de análise, Michael Montgomery ressalta que é preciso obedecer a alguns critérios para a sua composição e destaca que o caráter da análise, quantitativo ou qualitativo, será determinado pelo tipo de material disponível à investigação. Neste caso, o pesquisador precisará identificar, descrever e selecionar os textos e os autores que produziram estes registros. Consequentemente, isso conduzirá o pesquisador a estabelecer seus próprios critérios no que se refere à seleção dos textos que formarão o *corpus*, melhor dizendo, que texto será incluído ou excluído da seleção e a justificativa para a adoção desse procedimento.

In corpus construction, texts are selected using accountable, transparent principles, e.g., they are the earliest or the most reliable edition of a printed work, or they form equal-sized text-samples chosen by time period, genre, type of author/speaker, locale, mode of language, etc. Validity and representativeness are multi-dimensional, ever-present issues in corpus construction regardless of the provenance or authorship/source of texts. (MONTGOMERY, 2007, p. 121)

Além disso, é importante dizer que a composição do *corpus* é uma tarefa que demanda paciência, persistência e tempo em virtude de a seleção desse material ser criteriosa e minuciosa. Em tal caso, dependendo do tipo de fenômeno a ser estudado e do tipo de material disponível, esta investigação pode levar meses ou anos para chegar a sua conclusão. Com o intuito de auxiliar o trabalho do linguista/pesquisador, Michael Montgomery (2007, p. 121-124) busca estipular 05 dimensões para servirem

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos
como guia no momento da constituição do *corpus* ou *corpora*. Dentre essas dimensões, encontram-se:

a) ***dimensões textuais:***

Primeiramente, deve-se averiguar a natureza do registro escrito em si. Para tal, é necessário verificar que tipo de texto é, quão próximo da fala é e qual é o estilo textual do manuscrito, já que eles não são a representação simples e direta da fala. Portanto, deve-se ter cautela quanto a sua validade para a investigação histórica. Por exemplo, no caso dos textos literários (peças, diálogos ficcionais etc.), esses podem apresentar variação exagerada e explorar estereótipos, dificultando, assim, o trabalho do pesquisador.

b) ***dimensões temporais:***

É preciso buscar informações acerca da data em que o texto foi produzido e a que período da história da língua o texto representa. Nesta situação, existe uma grande vantagem em se utilizar cartas, documentos, jornais etc., como fontes primárias, devido à possibilidade de se obter a sua data e seu local de origem. Quanto aos textos literários (peças, poesias etc.), tem-se apenas a desvantagem de se obter a data de publicação, uma vez que o texto pode ter sido escrito muitos anos antes de sua publicação. Diante disso, acaba sendo difícil definir a época que a língua foi retratada pelo autor do manuscrito.

c) ***dimensões sociais:***

É necessário descobrir quem produziu o texto, que informações pode se obter a respeito da vida desse autor e de quem a língua do texto representa. Com relação aos textos publicados, existe grande desvantagem em delimitar a identidade e o perfil social dos envolvidos (editor, impressor, entre outros) na produção do texto por serem, com frequência, desconhecidos. No entanto, vale mencionar a grande vantagem em lidar com manuscritos pessoais, como cartas e bilhetes, pois, na maioria das vezes, é possível definir o perfil sociocultural daqueles que produziram os textos. Essas informações podem ser encontradas nos próprios manuscritos desses autores ou através do auxílio de arquivistas ou historiadores.

d) **dimensões espaciais:**

É preciso identificar de qual região aquele texto é oriundo; qual é a nacionalidade/naturalidade do seu autor e se a variedade linguística adotada é localizável, ou seja, se por meio do sistema ortográfico desse autor é permitido estabelecer de qual região ele provém. Em tempos mais antigos, era comum decifrar, através da escrita, o local de origem de um indivíduo, porque cada lugar apresenta sua própria característica gráfica em razão da desuniformização do sistema ortográfico das línguas. É importante mencionar que, por serem entidades que registram e preservam documentos, igrejas, cartórios, arquivos públicos, entre outros, podem ser consideradas ferramentas úteis para se obter informações sobre os autores dos manuscritos.

e) **dimensões de representatividade:**

É importante verificar quantos indivíduos produziram o texto, a que classe social eles pertencem e quão generalizável podem ser os padrões da língua que eles evidenciam por intermédio da sua escrita. Em vista disso, a obtenção dessas informações dependerá da disponibilidade ou da sobrevivência dos manuscritos. Na maioria dos casos, o material que se encontra à disposição da investigação histórica pode estar fragmentado, transcrito para uma linguagem mais atual, ter sofrido alterações gráficas ou, ainda, ter sido falsificado. Em virtude disso, deve-se ter cautela no que se refere à composição do *corpus* de análise.

Conforme Edgar W. Schneider (2002) e Michael Montgomery (2007), há uma grande diferença entre a execução de uma pesquisa sociolinguística, em sincronia atual, e uma pesquisa de cunho histórico. Essa grande diferença está relacionada com a amostra e os informantes. Para os sociolinguistas, há grande vantagem em definir a amostra e os informantes da pesquisa porque há abundância desses itens, ao passo que, para os linguistas socio-históricos, esses quesitos sempre estão sujeitos à disponibilidade e à conservação dos manuscritos antigos, os quais, em sua maioria, são poucos e malconservados. Isto significa que a escassez de materiais disponíveis para a análise dificulta a escolha dos informantes e o estabelecimento da amostra. Por conta disso, surgem alguns problemas ao longo do desenvolvimento da pesquisa histórica. Dentre eles, pode-se destacar: a) a representatividade da amostra, que normalmente é pequena; b) a validade dos textos escritos para análise, que depende do autor (sua vontade em representar através da escrita traços de oralidade); c) a escolha entre uma análise quantitativa ou qualitativa; d) a determina-

ção dos parâmetros de contextos extralinguísticos, que, em geral, é impossível devido à falta de acesso às informações sobre autor do manuscrito.

É essencial enfatizar que o *corpus* constituído por textos não representa rigorosamente a língua de uma comunidade de fala de modo semelhante ao *corpus* formado por amostras de fala. A razão para essa diferença reside no fato de que, em tempos mais remotos, a escrita era restrita às classes mais abastadas, logo, a variedade adotada nos manuscritos pode não ser refletir a fala da maioria daquela população. De acordo com William A. Kretzschmar e Merja Stenroos (2012), um *corpus* de textos nunca vai representar, no sentido de uma amostra aleatória, uma população histórica de falantes “reais” e a escolha de variáveis e traços linguísticos dependerá das realidades da produção textual, dos tipos de textos produzidos e do grau de institucionalização envolvidos no período e na comunidade pesquisados.

Apesar das dificuldades, isso não impossibilita a realização da análise, a qual pode ser de caráter qualitativo. Mesmo que a análise qualitativa não permita estabelecer amplas generalizações, ela pode fornecer observações razoáveis a respeito do fenômeno investigado (MONTGOMERY, 1995). Segundo William Labov (1994), é preciso fazer o melhor uso desses “dados ruins”, visto que os documentos históricos sobrevivem por acaso, sem propósito, e a seleção que está disponível à pesquisa é o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos. Suzanne Romaine (2009) e Brian D. Joseph e Richard D. Janda (2003) defendem que, embora seja fragmentado e incompleto, o dado histórico é válido para a investigação histórica. Edgar W. Schneider (2002, p. 90-91) assegura que “working with written data requires somewhat more judgment and assessment than an analysis of audio recordings, but the difference is a matter of degree: essentially, with both approaches the goal is the same, and the pathways to reach it are very similar”. Ainda que o texto escrito não seja considerado o reflexo simples e direto da fala, a escrita propicia a observação não só de traços gramaticais, mas também de traços da oralidade.

Outro fato que merece destaque é a questão de a pesquisa de cunho histórico ser de grande utilidade para auxiliar o pesquisador na confirmação de resultados obtidos em estudos sociolinguísticos de sincronia atual. Os dados coletados com base em amostras de língua escrita antiga possibilitam obter evidências mais detalhadas sobre o fenômeno investigado desde o presente até o passado de modo a propiciar uma melhor vi-

são da atuação do processo linguístico ao longo do tempo. Com isso, há a possibilidade de verificar se um fenômeno está em processo de variação ou em vias de entrar em processo de mudança. Além disso, a união dos resultados das análises dos dados fornecidos por amostras de língua falada e de escrita permite alcançar a confirmação de hipóteses.

3. O registro escrito como fonte de evidências fonético-fonológicas

Segundo Roger Lass (2000), a testemunha de primeira ordem de um passado linguístico mais distante são os registros escritos. Apesar de serem imprescindíveis para explicar o passado de uma língua, isto não sugere facilidade na sua interpretação linguística em virtude de o estudioso ter de determinar a relação entre o sistema gráfico da língua investigada e a substância fônica que esta grafia pode estar representando.

Para Edgar W. Schneider (2002), o registro escrito funciona como uma espécie de filtro, cuja função é fornecer a representação de um ato da fala realizado em um dado momento no passado. Por conseguinte, a fim de reconstruir esse ato da fala, é preciso saber que efeito este filtro tinha, melhor dizendo, quão próximo essa representação estava do evento original de fala.

[...] whether explicitly or indirectly, a variationist linguist analyzing written records is likely to observe what I call a Principle of Filter Removal: a written record of a speech event stands like a filter between the words as spoken and the analyst. As the linguist is interested in the speech event itself (and, ultimately, the principles of language variation and change behind it), a primary task will be “to remove the filter” as far as possible, i.e. to assess the nature of the recording process in all possible and relevant ways and to evaluate and take into account its likely impact on the relationship between the speech event and the record, to reconstruct the speech event itself, as accurately as possible. (SCHNEIDER, 2002, p. 68)

Tendo em vista que a escrita pode “representar a língua” (LASS, 2000), assume-se que os registros escritos são valiosas fontes de evidências de traços da oralidade, ou seja, que podem fornecer indícios acerca da atuação de processos fonético-fonológicos na fala de um determinado indivíduo ou comunidade de fala.

Alphabets are standardly assumed to represent basically at phonemic level. Sometimes they may access ‘deeper’ (e.g. morphophonemic) strata, but not shallower ones: decent orthographies are not phonetic. This is fortunately not always true, and the fact that (some) scribes and traditions are given to (some) allophonic writing can be a useful source of historical information. (LASS, 2000, p. 57)

Isto demonstra que a grafia pode apresentar vestígios da forma como se pronunciava as palavras, em períodos mais antigos, dependendo do grau de escolaridade e do nível de formalidade do texto produzido. Quanto menos escolarizado for o autor do manuscrito, maiores serão as chances de se conseguir indícios de realizações fonéticas em seu texto.

Na concepção de Suzanne Romaine (2009), a escrita pode exibir uma variação regular nos símbolos ortográficos e essa variação é condicionada pelo contexto da mesma maneira como acontece com a língua falada, a qual apresenta variação alofônica. Neste caso, é válido mencionar que o estudioso precisa estar preparado para identificar e discriminar o que pode ser uma representação gráfica daquilo que pode ser uma representação fonético-fonológica dos segmentos de uma língua. Isso significa que o estudioso deve estar atento para não se equivocar durante a análise dos dados e acabar confundindo um erro de grafia com a representação dos sons da fala. Assim, para evitar esse tipo de situação, Roger Lass (2000) aconselha o linguista a tomar as seguintes medidas:

- a) é aconselhável que o pesquisador seja falante nativo da língua investigada⁴;
- b) é necessário que estudioso tenha conhecimento aprofundado sobre a estrutura e o funcionamento da língua na época em que o manuscrito foi produzido;
- c) o pesquisador precisa prestar atenção às pistas ou indícios que o contexto do texto examinado fornece a fim de alcançar as respostas para as indagações da pesquisa em questão.

No que tange à coleta de dados em registros escritos, Roger Lass (2000) recomenda uma classificação com o intuito de examinar se o dado a ser coletado pode ser considerado significativo ou não ao estudo de fenômenos linguísticos. Essa classificação é estabelecida por meio de categorias. Dentre elas, citam-se:

- a) **Lixo (Garbage):**
grafias que são entendidas como ‘*lapsus calami*’ ou um erro do escriba/escritor. Ex: *braso* ao invés de *braço*; *cainbra* ao invés de *câimbra*.

⁴ É interessante mencionar que tal recomendação não precisa ser seguida de maneira rígida, no entanto é relevante que o pesquisador tenha um nível elevado de proficiência na língua alvo.

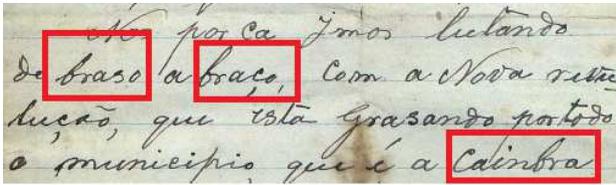


Figura 1. Trecho da carta de Manoel Vicente da Rosa⁵ (06/04/1894).

- b) **Variação puramente gráfica** (Purely Graphic Variation):
grafias que exibem certas características de uma tradição ortográfica ou da busca por traços etimológicos. Ex: uso de <ph> em *tipho*.

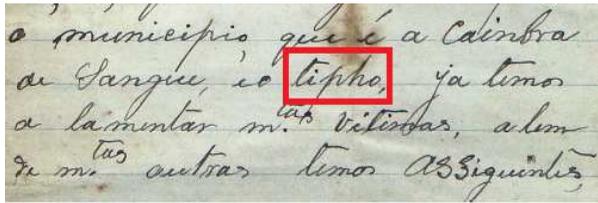


Figura 2. Trecho da Carta de Manoel Vicente da Rosa (06/04/1894).

- c) **Grafias fonologicamente significativas** (Phonologically Significant Variation):
grafias demonstram ser indícios de fenômenos fonológicos, ou seja, traços característicos da fala. Ex: *disculpe* ao invés de *desculpe*.

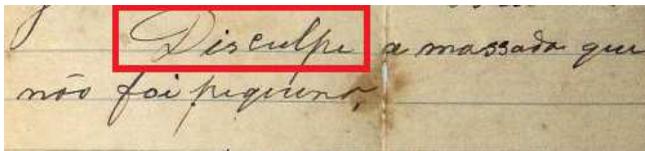


Figura 3. Trecho da Carta de Manoel Vicente da Rosa (06/04/1894).

⁵ Esta carta pertence à coleção do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS): *Série Guerras e Revoluções (Revolução Federalista)*. A Revolução Federalista (1893-1895) foi uma guerra civil desencadeada por uma crise política, a qual atingiu a região sul do Brasil após a Proclamação da República.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ao tratar sobre a análise de vestígios de oralidade em registros escritos, Michael Montgomery (2007) chama a atenção para a distinção entre *variação significativa* e *variação não significativa* por intermédio da interpretação de grafias ocasionais (*occasional spellings*), que são interpretadas como “*ponto(s) de partida inconsciente da grafia convencional de uma palavra*” (STEPHENSON, 1967, *apud* MONTGOMERY, 2007, p. 116). Excluindo os erros acidentais de ortografia, que não fornecem nenhuma evidência sobre os traços da pronúncia em uma determinada época, a grafia ocasional pode ser dividida em a fonética (*phonetic*) e inversa (*inverse*).

A phonetic spelling is “one in which the writer has substituted for the conventional spelling a spelling based on some familiar correspondence of symbol to sound” (1967: 39), e.g. ginneral for general. An inverse spelling is “one in which the writer substituted for the conventional spelling of a word a spelling based on the analogy of some other word containing an orthographic fossil, perhaps etymologically justified but no longer symbolizing a sound in the writer’s dialect... The imitative introduction of an orthographic fossil into the spelling of a word where it is not traditional usually means that the writer has created or employed an unhistorical spelling, although the fossil may be historical in the model the writer is imitating” (1967: 40), e.g. kneed for need. Examples in the latter category may also be characterized as orthographic hypercorrections.

No entendimento de Michael Montgomery (2007), as grafias ocasionais, que fornecem pistas mais significativas para a identificação de traços de pronúncia, são aquelas que: a) apresentam um padrão estrutural em uma determinada variedade de uma língua falada e não refletem apenas um caso de reversão grafêmica (grafias não significativas que podem ser fonética ou inversa); b) ocorrem na grafia de mais de um escritor (de preferência que esses escritores pertençam a épocas e lugares diferentes); c) permitam confirmação plausível da pronúncia oriunda de outras fontes e de outras variedades.

Ao lidar-se com grafias como fonte de evidência de traços da oralidade, conjectura-se que qualquer divergência quanto à norma se trate de uma grafia fonética e, dessa forma, possa evidenciar vestígios da pronúncia da época investigada. No entanto, geralmente não é isso que acontece na maioria dos casos devido ao fato de a ortografia nem sempre estar representando o som de um segmento. Em conformidade com Joan C. Beal (2012), a vantagem das grafias ocasionais, como evidências fonético-fonológicas, consiste em fornecer indícios da pronúncia coloquial/não padrão. Diferentemente dos gramáticos e estudiosos, os falantes/ escritores não têm a intenção de ditar normas ou regras, e, por isso, seus regis-

tros são concebidos como testemunhas confiáveis e desinteressadas (BEAL, 2012). Cabe lembrar que a desvantagem de se usar esse tipo de evidência reside na dificuldade em se interpretar os valores fonéticos das letras em períodos mais antigos na história de uma língua. Nessa situação, enfatiza-se novamente a necessidade de estudo aprofundado a respeito do sistema da língua.

Clarinda de Azevedo Maia (1986, p. 304) assegura que o conhecimento do estado fonológico moderno da língua investigada pode servir como um instrumento útil durante o processo de interpretação dos textos antigos no que tange às relações entre grafemas e fonemas. Todavia, a estudiosa recomenda que o que interessa é pôr em relação os grafemas com os fonemas pertencentes à época a que os manuscritos se referem e não com os fonemas atuais. Ainda na visão de Clarinda de Azevedo Maia:

Quando se faz a análise de qualquer material grafemático pretende-se averiguar a relação entre o respectivo sistema grafemático e o sistema fonológico ou, se possível, o grau de correspondência entre as unidades das formas escrita e falada da língua nessa época. Tal tarefa não é, naturalmente, fácil, dado que os sistemas de escrita são, a maior parte das vezes, insuficientes e imperfeitos no seu modo de representar a língua falada, já que a escrita não representa os sons concretos da fala, mas sons-tipo e, a partir daí, os fonemas. As dificuldades são evidentemente maiores quando se pretende fazer a análise de textos antigos, correspondentes a épocas em que faltam por completo as informações fonéticas de gramáticos contemporâneos. (MAIA, 1986, p. 300)

A linguista (1986) ainda aconselha considerar os testemunhos dos gramáticos antigos e contemporâneos, uma vez que suas descrições sobre o estado da língua constituem-se de fontes de informação preciosas acerca do processo evolutivo dessa língua. Por conseguinte, as declarações de gramáticos, ortógrafos, ortoepistas e elocucionistas são vistas como fontes relevantes de evidências diretas devido a terem a intenção de fornecer evidências linguísticas por meio da prescrição de normas (MAIA, 1986; PENKE & ROSENBAACH, 2007; BEAL, 2012; SCHALLEY, 2012). Já os registros escritos são tratados como fontes de evidências indiretas porque os falantes/escritores oferecem, de forma inconsciente, evidências sobre o estado de uma língua. Em virtude disso, estas pistas precisam ser interpretadas pelo pesquisador, logo são consideradas fontes indiretas. O estudo grafemático constitui-se em um importante recurso na reconstituição da pronúncia de épocas mais distantes, às quais não se tem acesso a não ser pelos registros escritos. Como resultado, pode-se inferir que a união desses dois tipos de fontes de evidências pode trazer significativas contribuições para o estudo de um fenômeno linguístico no passado.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nesse sentido, pode-se assegurar que o registro escrito é uma fonte de evidência que pode trazer significativas contribuições aos estudos linguísticos de cunho histórico. É importante ressaltar que a utilização de obras metalinguísticas e didáticas pode auxiliar na confirmação de hipóteses estabelecidas acerca do fenômeno linguístico investigado. O ideal seria aliar as evidências obtidas a partir da análise dos registros escritos com as obtidas com base no estudo das obras metalinguísticas e didáticas em decorrência da riqueza de suas informações. Entretanto, é necessário ter em mente que nem sempre é possível tal procedimento devido à escassez de obras, manuscritos e dados.

Como diz William Labov (1994), é preciso fazer o melhor uso desses “dados ruins”, visto que os documentos históricos sobrevivem por acaso, sem propósito, e a seleção que está disponível para a pesquisa é o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos. Mesmo que, na maioria das vezes, esteja fragmentado e incompleto, o dado histórico permanece válido para a investigação histórica. (ROMAINE, 2009; JOSEPH & JANDA, 2003)

4. Considerações finais

Ao demonstrar que não é só através de amostras de fala que é possível estudar processos de variação e mudança, Suzanne Romaine (2009) conseguiu revolucionar o campo de investigação linguística. Muitos linguistas de cunho histórico (CARDEIRA, 2009; MARQUILHAS, 2003; CARVALHO, 2005; NARO, 1973; ROMAINE, 2009; LASS, 2000; MONTGOMERY, 2007; SCHNEIDER, 2002) confirmam que a língua escrita é composta de formas ortográficas, que podem estar sujeitas à interpretação linguística. Nesta conjuntura, assume-se que o registro escrito pode e deve ser tratado como uma fonte primária tão valiosa quanto às amostras de língua falada no diz respeito à investigação de fenômenos linguísticos, já que ambas são meramente diferentes formas de se representar a mesma língua. De acordo com Michael Alexander Kirkwood Halliday (2006, p. 5), “*it is part of the task of linguistics to describe texts; all the texts, including those, prose and verse, which fall within any definition of “literature”, are accessible to analysis by the existing methods of linguistics*”. Isto quer dizer que o linguista deve estar preparado para investigar fenômenos linguísticos não só com base em amostras de fala, como também em amostras de língua escrita. Tendo em vista que os processos de variação e mudança podem ser estudados no presente e no

passado, tal procedimento proporciona uma maior compreensão sobre a estrutura e o funcionamento do sistema da língua que está sendo investigada, além de viabilizar a confirmação de hipóteses de maneira mais precisa e aprofundada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAL, Joan C. Evidence from sources after 1500. In: NEVALAINEN, Terttu; TRAUOGOTT, Elizabeth (eds.). *The oxford handbook of the history of english*. New York: Oxford University Press, 2012, p. 63-94.

CARDEIRA, Esperança. A pronúncia do português. In: *Actas do Simpósio A pronúncia do português europeu cantado*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2009. Disponível em: <http://www.caravelas.com.pt/actas_cardeira.pdf>. Acesso em: 23-10-2014.

CARVALHO, Maria José. On the origin of the final unstressed [i] in Brazilian and other varieties of Portuguese: new evidence in an enduring debate. In: FORTESCUE, Michael D. et al. *Historical linguistics 2003*. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins Publishing, 2005.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Linguistic studies of text and discourse*, vol. 2. London/New York: A & C Black, 2006.

JOSEPH, Brian D; JANDA, Richard D. (Eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

_____. *Historical linguistics and sociolinguistics: strange bedfellows or natural friends?* 2011. Disponível em: <http://www.ling.ohio-state.edu/~ddurian/AWAC/Joseph_2011.pdf>. Acesso em: 17-06-2014.

KRETZSCHEMAR JR., William A.; STENROOS, Merja. Evidence from surveys and atlases in the history of English language. In: NEVALAINEN, Terttu; TRAUOGOTT, Elizabeth (eds.). *The oxford handbook of the history of english*. New York: Oxford University Press, 2012.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. v. 1. Cambridge: Blackwell, 1994.

LASS, Roger. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português: estado lin-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos
guístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

MARQUILHAS, Rita. Mudança analógica e elevação das vogais pretônicas. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (Orgs.). *Razões e emoção*. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p. 7-18.

MONTGOMERY, Michael. *The linguistic value of ulster emigrant letters*. Ulster Folklife, n. 41, p. 1-16, 1995.

_____. Variation and historical linguistics. In: BAYLEY, Robert; LUCAS, Ceil. *Sociolinguistic variation: theories, methods, and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 110-132.

NARO, Anthony Julius. A história do *e* e do *o* em português: um estudo de deriva linguística. In: _____. *Estudos diacrônicos*. Trad.: Lais Campos e Katia Elizabeth Santos. Petrópolis: Vozes, 1973.

NEVALAINEN, Terttu; RAUMOLIN-BRUNBERG, Helena. Historical sociolinguistics: origins, motivations, and paradigms. In: HERNÁNDEZ, Juan M.; CONDE-SILVESTRE, J. Camilo. *The handbook of historical sociolinguistics*. Malden/West Sussex: Wiley-Blackwell, 2012.

PENKE, Martina; ROSENBAACH, Anette. What counts as evidence in linguistics? introduction. In: ____; _____. (Eds.). *What count as evidence in linguistics: the case of innateness*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2007, p. 01-54.

ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].

SCHALLEY, Andrea C. *Practical theories and empirical practice: a linguistic perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2012.

SCHNEIDER, Edgar W. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLINGESTES, Natalie. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Malden: Blackwell Publishing, 2002, p. 67-93.